

# ORAÇÕES ADJETIVAS EXPLICATIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO PORTUGUÊS EUROPEU: APOSIÇÃO RUMO AO ‘DESGARRAMENTO’

*Maria Beatriz Nascimento Decat\**

## RESUMO

**E**ste estudo objetiva apresentar algumas indagações sobre a forma de materialização lingüística que as orações relativas (adjetivas) explicativas/apositivas vêm apresentando no português escrito. Analisando dados do português do Brasil (PB) e do português europeu (PE), extraídos de jornais e revistas, pretende-se apontar alguns aspectos que expliquem a forma ‘desgarrada’, ‘independente’ sintaticamente, que acabam por caracterizar tais estruturas como autônomas, as quais exibem a ação de um processo de mudança desse tipo de estrutura rumo à sua gramaticalização como integrante do sistema da língua.

**Palavras-chave:** Orações adjetivas explicativas; Orações apositivas; Subordinadas ‘desgarradas’; Abordagem funcionalista.

**E**m trabalho anterior (Decat, 1999), propus a adoção do conceito de “unidade informacional” (ou *idea units*, termo utilizado por Chafe, 1980) para a caracterização de certo tipo de orações subordinadas de ocorrência ‘independente’ no português escrito, às quais chamei de orações ‘desgarradas’. Naquele trabalho examinei, numa abordagem funcional-discursiva, alguns tipos de orações subordinadas que se enquadram no tipo de hipotáticas de ‘realce’ – ou seja, aquelas que representam opções de organização do discurso, não se caracterizando, portanto, como integradas estruturalmente em outra, e mantendo, com o discurso precedente, uma relação adverbial. Tentei mostrar, então, que a ocorrência ‘desgarrada’,

---

\* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

‘independente’ dessas orações se devia ao fato de elas constituírem, por si, unidades informacionais à parte, não formando um todo informacional com o discurso/oração antecedente. Com base nisso, procurei evidenciar a diferença entre ‘encaixadas’ e ‘desgarradas’. No elenco de orações que se materializavam lingüisticamente de modo ‘desgarrado’ da oração anterior – constituindo um enunciado à parte – tive a oportunidade de tecer alguns comentários sobre o comportamento idêntico, manifestado pelos dados do *corpus* examinado, entre as orações adverbiais e as orações adjetivas explicativas.

O objetivo maior do presente trabalho é o de tentar desfazer uma possível circularidade do argumento usado em Decat (1999), qual seja: as orações são desgarradas porque constituem unidades informacionais à parte; e são unidades informacionais à parte pelo fato de se desgarrarem. Pretendo retomar, aqui, somente as orações adjetivas explicativas – apositivas –, agora em sua ocorrência não só no português do Brasil (PB) como no português de Portugal – ou português europeu (PE).<sup>1</sup> A análise com base nesses dois tipos de *corpora* servirá para uma comparação do comportamento dessas estruturas não só no PB e no PE, como também para ressaltar a similaridade funcional entre elas e as estruturas adverbiais analisadas anteriormente, partindo de exemplos de orações apositivas ‘desgarradas’ semelhantes aos apresentados em Decat (1999), cuja discussão passo a empreender nas seções seguintes.

### ORAÇÕES ‘DESGARRADAS’: UNIDADES INFORMACIONAIS À PARTE?

Para realçar meu argumento anterior de que as orações ‘desgarradas’ constituem unidades informacionais à parte, serão ressaltados alguns aspectos dos exemplos de oração adjetiva explicativa/apositiva dados em Decat (*op. cit.*), da forma como explicitada a seguir.<sup>2</sup>

#### Adjetivas explicativas e relativas sem cabeça

Observem-se os exemplos abaixo:

- (1) a. Um dos passageiros, chinês, desesperou-se. Tentou abrir a porta de emergência assim que anunciaram o assalto. Foi contido sem violência pelos bandidos, **que fizeram piada sobre a tentativa de fuga pouco convencional.** (Revista *Época* – n. 104 – 15/05/2000 Notícias) – PB

<sup>1</sup> Para a presente análise foi utilizado o *corpus* do Projeto PE/PB, coordenado pela Dra. Mary Kato, da Unicamp e pelo Dr. João de Andrade Peres, da Universidade de Lisboa. Tal *corpus* foi constituído de dados obtidos através de *corpora* restritos, extraídos de jornais e revistas de grande circulação em ambos os países.

<sup>2</sup> Agradeço à Profa. Rosália Dutra, da Universidade do Norte do Texas, em Denton, as valiosas e relevantes contribuições para o desenvolvimento da argumentação que aqui é apresentada.

b. (Entrevistador) *O que devemos fazer para melhorar a qualidade do nosso discurso oral?*

(N.S.L.) A capacidade de comunicação tem de ser treinada. Esse exercício pratica-se nos diversos actos de comunicação do quotidiano, sobretudo em situações onde a exigência de correcção e a exposição do falante é maior como, por exemplo, quando se faz uma intervenção num seminário ou quando se emite a opinião numa reunião...Mas a qualidade do discurso oral também pode ser melhorada lendo textos variados e ouvindo os bons comunicadores, **que se exprimem com correcção, clareza e fluidez.** (Quo – n. 55 – Abril/2000 – p. 34) – PE

c. Os textos que mandei de Nova York foram publicados pelo Globo num caderno especial sobre os atentados, mas não foram distribuídos pela agência. Levando alguns dos meus 17 leitores a suspeitarem que eu estava num processo patológico de rejeição da realidade, **o que não é o caso.** Ainda. (F. Veríssimo – *Fundamentalismos* – Opinião – Estado de Minas – 18/09/2001 – p. 7) – PB

d. (Entrevistador) *Como encara as críticas negativas que, de forma generalizada, têm sido feitas Herman SIC?*

(Herman José) São as mesmas que me têm feito desde que me estreei, em 1981[...]. Salvo raras excepções, os críticos distraem-se a falar de mim, **o que acho excelente.** (Visão – n. 369 – 6 a 12 de Abril 2000 – p. 15-17) – PE

(2) a. Livre do aluguel e ganhando um pouco mais, já tinha para pagar o estudo dos três meninos, fora despesas básicas. Quando a Rita, sua mulher, passou também a faturar mais algum graças ao seu talento na cozinha, até sobravam uns trocados no fim do mês. **Que davam direito a uma eventual pizzaria e até – imaginem – férias na praia, numa daquelas excursões de agência divididas em seis parcelas.** (Boris Feldman – *Polara “azul calcinha”* – Caderno Veículos – Estado de Minas, 11/06/2000 – p. 2) – PB

b. Estava sem assunto. **O que não deve surpreender ninguém.** Afinal, esta é praticamente uma constante. Estou sempre sem assunto. Mas aí tocou o telefone. Era a Adriane Galisteu. (Artur Xexéo, *Jornal do Brasil*, 3 de set. de 1999) – PB

c. A sala de partos consiste numa cama grande assentada no chão, com muitas almofadas, luzes baixas, vozes sussurradas, maquinaria escondida e interferência mínima naquilo a que ele chama de “processo selvagem”. Isto é, um processo intuitivo, espontâneo e sexual. A mulher dá à luz de cócoras, de pé, deitada – no fundo, como lhe aprouver. **O que bem demonstra que hospitais e clínicas de maternidade podem, também, oferecer às mulheres um ambiente tão seguro quanto gostoso.** É apenas uma questão de modificar as atitudes em relação ao parto, substituindo o medo pela confiança nas capacidades inatas de cada mulher e o automatismo pelas relações humanas permeadas de amor. (Maria Cadaxa, Lisboa, *Pais & Filhos*, n. 11 – Abril/00, p. 8 – Carta do Leitor) – PE

Os exemplos de (1) e (2) acima, de dados tanto do PB quanto do PE, servem para apontar que são exatamente as adjetivas explicativas/apositivas (1a e 1b) e também as relativas ‘sem cabeça’ (1c e 1d) as que ocorrem ‘desgarradas’. Entende-se por relativa ‘sem cabeça’ a construção em que não se pode identificar o substantivo (o sintagma nominal, o referente) que a oração relativa modifica, realça, como mos-

tram os exemplos (1a), (1b), (2b) e (2c). Normalmente esse tipo de estrutura ocorre no final de um enunciado, depois dos sintagmas nominais, mas sem qualquer marca morfológica que indique seu antecedente, seu referente, sem nenhuma ligação aparente com o nome que modifica. Conforme apontam Vilela & Koch (2001, p. 397), são

*frases relativas (propriamente ditas) [...] a frase explicativa, apositiva ou não-restritiva [...] que fornece, para a identificação do denotado, uma informação suplementar, não necessária (embora importante do ponto de vista comunicativo). Pode ser suprimida sem que a frase subordinante se torne incompreensível ou se altere semanticamente, e está separada da frase subordinante por uma pausa.*

Ou ainda, segundo Neves (2000, p. 376), a oração adjetiva explicativa “acrescenta uma informação acerca do antecedente a que se refere [...] não fazendo nenhuma delimitação”. E acrescenta que, “no caso de uma oração adjetiva explicativa, o antecedente, que já está delimitado independentemente dela, pode referir-se não apenas a um conjunto, mas ainda a um indivíduo único” (p. 377).

É importante ressaltar que nos dados do PE não ocorreu nenhuma estrutura adjetiva explicativa ‘desgarrada’ iniciada pelo pronome **que**, como mostra o exemplo (2a), do PB. No PE, o desgarramento ocorreu somente quando se tratava de relativas sem cabeça, como evidenciam os exemplos (2b) e (2c) acima.

A Tabela 1 apresenta as ocorrências, em números absolutos, no *corpus* PE-PB, desgarradas ou não, distribuídas conforme o tipo de estrutura que as encabeçam como pelo gênero de texto em que ocorrem.

Tabela 1

Número de ocorrências de orações adjetivas explicativas/apositivas no *CORPUS* PB-PE

Tipo de Estrutura	Carta de leitor	Edito- riais	Anúncios	Matéria assinada	Entrevistas	Notícias	Total	%
A = , que/_ que	14	4	6	6	9	5	44	32,3
B = . Que				17	1		18	13,2
C= O que/qual	2	3	2	12	3		22	16,2
D= .N (prep) que		2	2	9	1		14	10,3
E= , o que/_ o que	2	1	1	5	2	1	12	8,8
F= ,/_ N (prep) que					1	1	2	1,5
G= N + ESP + que	1		1	2			4	3,0
H= . Onde			3	1			4	3,0
I = . Cujo				2			2	1,5
J = , cujo	2		1				3	2,2
L = , onde	5						5	3,6
M = , em que	1				2		3	2,2
N = , mas que		1		1			2	1,5
O = e em que	1						1	0,7
Total	28	11	16	55	19	7	136	100,0

Do total de 136 ocorrências, 80 se deram no PB e 56 no PE. Já de início a Tabela aponta para uma concentração de alguns tipos de estruturas, desgarradas ou não, tanto em PE quanto em PB.

O exame dos dados que deram origem à Tabela 1 evidencia que ainda é muito recorrente, tanto no PB quanto no PE, a estrutura de oração adjetiva apositiva que chamo, aqui, de ‘normal’, isto é, aquele tipo que vem logo depois de uma pausa, representada na escrita por vírgula, ponto-e-vírgula ou travessão. A Tabela mostra, no entanto, que no PB, logo abaixo das orações apositivas normais vêm as adjetivas apositivas ‘desgarradas’ exibindo a estrutura ponto + QUE [. QUE], com uma proporção de ocorrência muito próxima ao tipo de construção prescrito pela norma culta e pela norma pedagógica. Logo a seguir vêm as apositivas, também desgarradas, mas iniciadas por um elemento a que Castilho (1993) chama de “mostrativo neutro”, que vai estar se referindo não a um antecedente específico, mas a idéias já mencionadas no contexto anterior. Esse pronome demonstrativo “o” costuma não ocorrer, dando origem a estruturas como as que aparecem no tipo B da Tabela.

É preciso destacar que a oração apositiva normal já por seu aspecto semântico equivale a um aposto, assumindo o aspecto formal desse, ao vir separada por vírgula (ou similar). Como geralmente acontece com o aposto, a informação veiculada pela oração adjetiva não-restritiva, ou explicativa, é suplementar; dessa forma ela se diferencia da adjetiva restritiva, por não servir para identificar, em especial, nenhum elemento de um conjunto. Outra característica da informação veiculada pela adjetiva explicativa/positiva é a de ser adicional. Nesse sentido ela se aproxima – ou pode mesmo ser assim definida – com o que se costuma chamar de “adendo” (*afterthought*). Esse aspecto de informação adicional explica a ocorrência desse tipo de estrutura no final do enunciado, ou de um parágrafo, etc. Estar, portanto, no final já contribui de maneira bastante freqüente para o ‘desgarramento’ dessa oração, que passa a funcionar como uma estrutura independente. Podemos dizer, então, que os três primeiros tipos de estrutura apositiva colocam-se, na verdade, num mesmo patamar, como formas co-ocorrentes na língua, o que permite vislumbrar certa flutuação em seu uso, mesmo num registro culto. Essa variação aponta para um possível processo de mudança que estamos vivenciando, no sentido de uma gramaticalização<sup>3</sup> de uma estrutura, antes dependente, rumo à independência formal no discurso em que se insere. Comparando as orações explicativas/positivas do tipo que ocorre após uma pausa – representada pela vírgula na escrita – com as que já se apresentam ‘desgarradas’ é possível estabelecer-se uma relação entre esses dois tipos, postulando que são exatamente as orações adjetivas explicativas/positivas e as orações **relativas sem ca-**

---

<sup>3</sup> Estou considerando o termo ‘gramaticalização’ em seu sentido mais geral, referindo-se à cristalização do uso de uma determinada estrutura como parte do sistema da língua.

**beça** – isto é, aquelas que não têm um antecedente explícito, ou não se referem a nenhum elemento específico do contexto anterior, mas referem-se ao todo, às idéias veiculadas por esse ‘todo’ – que são as mais propícias ao desgarramento. Dessa forma, numa estrutura apositiva, o pronome relativo que inicia o segmento oracional funciona como uma espécie de pronome **resumidor**, referindo-se a todo o texto anterior e não a um único elemento, a um determinado sintagma nominal. Essa função resumidora das adjetivas sem cabeça é um fator semântico que contribui para que ocorram desgarradas. Assim, se não há um referente explícito, não há por que impedir o desligamento da oração como uma estrutura independente. Em outras palavras, não ter de se referir a um antecedente específico (e não-explícito) significa ter uma certa independência informacional do restante do contexto, o que vem reforçar minha análise anterior (Decat, 1999) de que essas estruturas constituem uma “unidade de informação” por si mesmas, nos moldes explicitados em Chafe (1980). O fato de elas constituírem uma informação adicional, suplementar, um tipo de adendo, se encaixa na definição de Chafe para *idea units*, correspondendo a jatos de consciência (jatos de linguagem). Além do mais, embora ainda mantenham uma ligação semântica com o segmento anterior, há certas orações apositivas que não se integram sintaticamente ao segmento discursivo, ou ao enunciado, anterior. Nesse caso, nem mesmo se trata de uma escolha, de uma opção do falante, de uma preferência comunicativa. O falante tem de codificar esse tipo de estrutura sintaticamente separada, pois, como no caso do exemplo (5) – discutido em Decat (1999) e aqui repetido como (3) –

- (3) De posse do formulário, devidamente preenchido [...], dirija-se ao Departamento da Polícia Federal portando todos os documentos exigidos. **Que não são poucos: carteira de identidade ou certidão de nascimento, prova de quitação com as [...]** – (Jornal de Casa, BH-MG, 9 a 15/5/95)

não se pode mais encaixar sintaticamente a oração grifada, tornando-a uma restritiva. Ela é uma apositiva, e a única modificação que aceitaria, mesmo ocorrendo, antes do pronome relativo, o sintagma nominal a que ela se refere, seria ser precedida de vírgula, mantendo sua função de um adendo. Para que a estrutura se encaixe novamente, mantendo a função semântica de explicação, de informação suplementar, ter-se-ia de fazer uso de outro artifício, como inserir uma expressão qualquer indicadora de adendo, tal como “por sinal”, “aliás”, etc.

A seguir vem a Tabela 2, em que os dados estão mais detalhados não só quanto à sua porcentagem de ocorrência mas também quanto ao gênero textual em que as estruturas (agora indicadas somente por letra, no lado esquerdo da tabela) foram usadas no PE e no PB.

A Tabela 2 também nos aponta o fato de que no PB os três primeiros tipos

Tabela 2  
Ocorrência e porcentagem por gênero textual em PB e PE

E S T R U T U R A S	Gêneros textuais																			
	Carta do leitor			Editoriais			Anúncios			Matéria assinada			Entrevistas			Notícia				
	Nº de ocr.	%		Nº de ocr.	%		Nº de ocr.	%		Nº de ocr.	%		Nº de ocr.	%		Nº de ocr.	%			
A	9	42,9	5	21,7		4	17,4	2	9,5	4	17,4	5	23,8	1	4,4		9	39,1	5	23,8
B												17	94,5			1	5,5			
C	1	5,9	1	20,0	3	17,6				2	40,0	12	70,6			1	5,9	2	40,0	
D					1	8,3	1	50,0	2	16,7		9	75,0					1	50,0	
E	1	25,0	1	12,5		1	12,5	1	25,0			1	25,0	4	50,0		2	25,0	1	25,0
F																	1	100,0	1	100,0
G			1	50,0						1	50,0	2	100,0							
H								1	50,0	2	100,0	1	50,0							
I												2	100,0							
J			2	67,0						1	33,0									
L			5	100,0																
M			1	33,0														2	67,0	
N						1	100,0					1	100,0							
O			1	100,0																
Totais																				

de estrutura oracional adjetiva constituem um bloco, dado que a diferença de percentual de ocorrência entre o menor e o maior situa-se abaixo de 5%. Tal fato vem corroborar a postulação de que está havendo, no PB, uma flutuação na realização formal das orações relativas explicativas que, tendo o estatuto de apositivas, estão caminhando rumo ao ‘desgarramento’, como prova a porcentagem ali verificada. E é também por esse estatuto de aposto que elas são chamadas, segundo Mira Mateus *et al.* (1983), de “apositivas de F”, ou seja, referem-se não a um nome específico no contexto discursivo anterior, mas a todo o conjunto de idéias, constituindo um “comentário acerca da proposição” (p. 448). Nesse caso, o aposto corresponde, como mostram Vilela & Koch (2001), uma “aposição frásica”, em que o aposto refere-se a um estado de coisas. A análise desses autores é aplicável aos dados do PB aqui examinados, conforme pode ser visto nos exemplos seguintes:

- (4) Mais uma vez **Época** sai na frente, em busca da verdade sem cair no sensacionalismo. A reconstituição do cotidiano das duas grandes vítimas dessa tragédia da Linha 174, Geísa e Sandro, mostrou seriedade e originalidade de toda a equipe. **O que nenhuma outra mídia conseguiu.** (C.O. – Carta dos leitores, Rio de Janeiro, 2000). PB
- (5) Pelo que diz o Conselho Gestor do FGTS – que conta com representantes dos empresários e dos trabalhadores – as contas somam 75% do total e cada uma delas tem menos de R\$600,00 depositados. **O que prova a extrema pobreza do assalariado brasileiro.** (Editorial – *As contas do FGTS – Estado de Minas* – Opinião – 24/09/2000 – p. 6) – PB
- (6) Um exemplo de conservadorismo sentimental, como o daquelas pessoas que renunciam à agitação urbana para voltar a viver no lugar em que nasceram, e conhecem bem. **O que talvez explique aquele seu ar filosófico.** (F. Veríssimo – *Conservadores* – Opinião – *Estado de Minas*, 11/06/2000 – p. 2) – PB
- (7) O desempenho excita o faro empreendedor das redes hoteleiras multinacionais. Só nos próximos dois anos, desembarcarão no país investimentos da ordem de US\$6 bilhões. São 300 hotéis em construção e dez novos parques temáticos, **o que resultará em 600 mil empregos.** (*Revista Época* – n. 104 – 15/05/2000 – Notícias) – PB

Nos trechos acima, o conteúdo informacional veiculado da oração relativa pode estar asseverando algo sobre todo o conteúdo da proposição anterior, como em (5) e (6), mas pode, também, estar se referindo ao que é o foco dessa proposição, como é o caso de (4) e (7). Esse comportamento é o das chamadas relativas sem cabeça. Essa “aposição frásica” constitui, portanto, o que Vilela & Koch (2001) chamam de “frases relativas propriamente ditas”, que são as frases explicativas, apositivas ou não-restritivas, e a que chamo aqui de oração adjetiva explicativa normal, isto é, aquela que se realiza linguisticamente logo após uma pausa representada na escrita por vírgula ou travessão, como já foi dito. Nesse caso estão as estruturas do tipo A e do tipo E, explicitados nas tabelas, em que o pronome relativo é precedido de um “mostrativo neutro”, postulado por Castilho (1993). Assim sendo, podem ter igual

tratamento as estruturas com as seguintes configurações formais: vírgula/travessão + QUE [, que] ou vírgula/travessão + mostrativo neutro + QUE [, o que], isto é, com ou sem o pronome demonstrativo. Ambos os tipos de estrutura estão se realizando lingüisticamente no PB como frases autônomas, independentes, já tendo atingido o ‘desgarramento’ de que venho tratando. E é interessante observar que são exatamente as apositivas e as relativas sem cabeça (que têm um pronome resumidor, mas não se referem a um nome específico) que ocorrem desgarradas, desligadas formalmente, mas não semanticamente, do contexto anterior. Isso explica, portanto, por que as apositivas constituem uma espécie de “adendo”: sendo uma informação suplementar, pode ser dada mesmo depois de o usuário da língua ter encerrado sua prática discursiva. E é nesse sentido que elas podem ser consideradas como unidades de informação à parte, nos termos de Chafe, citado anteriormente.

### Apositivas autônomas

Observando, agora, somente as apositivas que ocorrem desgarradas (tipos B, C e D), verifica-se uma supremacia de uso do PB em relação ao PE, numa escala decrescente como a mostrada abaixo:

Matéria assinada > Editoriais > Entrevistas

Carta do leitor

No PE não aparecem essas estruturas em “Matéria assinada”, mas houve um caso em Editoriais da estrutura ponto + N + (prep.) + QUE. Quanto à estrutura [.O que], houve 2 casos em “Anúncios”, 2 em “Entrevistas” e somente um em “Carta do leitor”. Entretanto, nesse último tipo de texto ocorreu um caso de adjetiva explicativa desgarrada com a estrutura ponto + N + ESPECIFICADOR + QUE [. N + ESP + QUE]. Nos demais exemplos do *corpus* ocorreu, no PE, a estrutura desgarrada do tipo [. Onde] por duas vezes em “Anúncios”. Alguns exemplos ilustram o que está apontado acima:

- (8) São pequenos passos, eu sei. **Coisas que passam quase despercebidas aos olhos do mundo grande.** (Editorial – Pais & Filhos – Abril 00 – n. 111 – p. 5) – PE
- (9) Tudo isso influencia a minha vida escolar e, claro, se a Sofia tem notas baixas a culpa é da falta de estudo ou porque anda com a cabeça no ar por causa do namorado, mas ele (meu pai) sabe que se não fosse o Rui (meu namorado) eu já não estaria aqui, com os problemas que tenho, **problemas esses que fazem com que eu descarregue a minha raiva no meu amor[...]**. (Carta do leitor – Adolescentes! – n. 14 – 3º Período – p. 76-77) – PE
- (10) Para essas pessoas – para si – existe um banco especial: o Banco 7. **Onde tudo é tratado pelo telefone ou pela Internet. Onde a moderna tecnologia existe para servir as suas necessidades.** (Visão – n. 343, 7 a 13 de outubro de 1999 – p. 79) – PE

Resumindo, temos:

a) número de desgarramentos no PE:	b) número de desgarramentos no PB:
Carta do leitor: 1	3 Carta do leitor: 1
Editoriais: 1	Editoriais: 4
Anúncios: 4	Anúncios: 3
Matéria assinada: 0	Matéria assinada: 39
Entrevistas: 4	Entrevistas: 2
Notícias: 0	Notícias: 1

Percebe-se, então, um número de 12 desgarramentos em 56 ocorrências de oração adjetiva explicativa/apositiva no PE (= 21,47 %), contra 50 orações desgarradas no PB, dentre 80 ocorrências (= 62,5 %). Considerando o total de 136 ocorrências em todo o *corpus* analisado (PB + PE), temos 62 casos de desgarramento, sendo 80,6% deles no PB e 19,4% no PE. Isso vem apontar para uma possível mudança ocorrendo primeiro no PB.

### Estruturas relativas apositivas e os gêneros textuais

Fazendo um rearranjo nos textos do *corpus*, agrupando-os com base na representação de contínuo dos gêneros textuais elaborada por Marcuschi (2001) para a fala e a escrita, temos as seguintes categorias, que vão do aspecto mais formal para o menos formal na escala da língua escrita examinada aqui:

- nível a: Matéria assinada (= artigos de jornal) pode ser considerada numa mesma categoria junto com os Editoriais;
- nível b: Entrevistas (que pertencem à categoria de “comunicações públicas”);
- nível c: Notícias de jornal e Cartas do leitor também se colocam num mesmo nível dentro da categoria de “comunicações públicas”;
- nível d: Anúncios, que correspondem ao gênero texto publicitário, dentro da categoria de “textos instrucionais”.

As Entrevistas foram separadas das Notícias e das Cartas do Leitor por se diferenciarem desses dois últimos gêneros pelo fato de contarem com a presença de outro interlocutor, o entrevistado.

Na verdade, temos duas dimensões:

1. Textos instrucionais (Editoriais, Matéria assinada, Anúncios);
2. Textos de comunicações públicas (Notícias, Cartas do leitor e Entrevistas).

Observando o desgarramento (tipos B, C, D) no PB, primeiramente, temos a seguinte escala:

Matéria assinada >	Editoriais >	Anúncios >	Entrevistas >	Notícias /	Cartas do leitor
39	4	3	2	1	1
Textos instrucionais			Comunicações públicas		

A predominância da ocorrência de orações desgarradas nos textos instrucionais explica-se pela própria função da oração adjetiva explicativa: ela serve às informações suplementares, às explicações necessárias ao caráter instrucional do texto, visando não só à veiculação de idéias como ao convencimento do leitor sobre determinado aspecto. Já os textos do segundo conjunto – os de comunicações públicas – têm todos o caráter de interação com o público, através do fornecimento de informações, de esclarecimentos de pontos de vista dos escritores sobre determinado tema. No primeiro conjunto enquadram-se os textos que se podem chamar de argumentativos; no segundo conjunto, textos informativos. A argumentação leva à necessidade de **ênfatar** certos aspectos, o que é feito através da oração relativa explicativa/apositiva. Pode-se aventar a hipótese de que, quanto maior a intenção comunicativa de ênfase, de foco, maior a tendência ao desgarramento da oração, que se torna uma frase autônoma, tendo, assim, maior peso no fluxo informacional e na cadeia temática, do que estar ainda atrelada formalmente a outra. Esse aspecto de convencimento, de ênfase, é bastante observável em anúncios (ou textos publicitários), onde a ênfase, o destaque, parece ser “a alma do negócio”, o ponto forte do anúncio, aquilo de que o autor se vale para enfatizar seu argumento. Observe-se, por exemplo, o trecho a seguir, retirado de um anúncio de revista do *corpus* do PB, em que há duas ocorrências de oração desgarrada iniciada pela estrutura [ . N + QUE ]:

- (11) A mãe já teve uma pele tão bonita quanto a da filha. E a filha pode ter uma pele tão bonita quanto a da mãe. Algumas coisas passam de mãe para filha. O cuidado com a pele, por exemplo. Pensando nisso, e em quem ainda não precisa usar Chronos, a Natura apresenta O2. **Uma linha que cuida da pele e evita seu envelhecimento precoce.** O2 limpa, hidrata e protege. E traz nutrientes que ajudam a pele a aproveitar melhor o oxigênio, ganhando energia para funcionar em equilíbrio. O resultado é uma pele viçosa, sem brilho ou oleosidade, e mais resistente à poluição, às variações climáticas, ao estresse do dia-a-dia, às poucas horas de sono. O2 da Natura. **A linha que previne os sinais do tempo para a pele que tem muito tempo pela frente.** Chegou O2. O tratamento de pele mais jovem da Natura. (Cláudia, ano 38, n. 6, 06/99, p. 126-127)

Essa necessidade de ênfase com vistas ao convencimento transparece também no PE, como mostra o exemplo a seguir:

- (12) Qual é o peso que o telemóvel tem na sua vida? São exatamente 88 gramas. **O que faz com que o Mimo Ultra Leve seja o mais leve telemóvel dos que já vêm com cartão recarregável.** (Visão – n. 342, 30/09/99, p. 133) – PE

Na primeira frase do exemplo, estabelece-se uma ambigüidade quanto ao termo “peso”, seguido, mais adiante, da expressão “na sua vida”. Uma das possibilidades de leitura é a que ressalta a importância do objeto na vida da pessoa. Tal ambi-

güidade é logo desfeita, exatamente através de uma oração adjetiva explicativa, que vai esclarecer não somente o sintagma nominal antecedente “88 gramas”, mas vai entender a explicação de modo a atingir a importância do referido objeto. Talvez se possa postular que, se a oração não estivesse desgarrada – o que a torna mais enfática –, o foco de atenção iria recair somente sobre o SN “88 gramas”, o que parece modificar bastante a intenção comunicativa do anúncio, que seria a de aliar o conforto da leveza à importância do aparelho para a vida da pessoa.

### Relativas sem cabeça *versus* adjetivas apositivas

Segundo Neves (2000), uma oração adjetiva explicativa vem sempre com antecedente, referindo-se ele a um conjunto ou parte de um conjunto. Considera a autora que estruturas do tipo “fato que”, “situação essa que”, dentre outras são constituídas de um aposto (‘fato’, ‘situação essa’) seguido de uma oração adjetiva restritiva. No entanto, a análise que aqui apresento considera tais estruturas de modo diferente de Neves. Acredito que elas são explicativas; o próprio fato de repetirem um SN é sinal de que há necessidade de explicação. Além disso, é bom lembrar o caráter parentético e assertivo das apositivas, que servem exatamente à função de fornecer explicações a mais para determinada idéia veiculada em contexto anterior. Também Mira Mateus et al. (1983) levam inicialmente a crer que consideram a questão diferentemente de Neves, postulando tratar-se a estrutura constituída de [N + QUE] uma oração relativa apositiva, em expressões como “....., coisa que é raríssima”, “.....situação que é desejada”, ou ainda com a estrutura [N + ESP + QUE], como em “...situação essa que.....”. No entanto, mais adiante em suas postulações, eles também acabam por apontar a oração que se segue ao SN como uma adjetiva restritiva ao aposto. E chamam a essas estruturas de “aposições nominais complexas”.

No meu entender, o fato é que não importa, no presente caso, se as orações são apositivas ou restritivas, como querem os autores acima citados. O fato é que orações desse tipo estão ocorrendo desgarradas.<sup>4</sup> E isso pode ser por força do próprio aposto, que faz com que toda a estrutura em que ele está se caracterize como um adendo, constituindo, portanto, uma unidade de informação à parte, única; por isso ela pode ser chamada de informação suplementar, parentética, um epíteto, uma asserção à parte: ela é uma unidade informacional por si mesma, e por isso pode desgarrar-se, constituindo o que alguns gramáticos, como Bechara (1999), chamam de “mero apêndice”; ou ainda Vilela & Koch (2001), que admitem a existência de frase “relativa continuativa”. Segundo esses autores, estruturas como essas não são ele-

<sup>4</sup> Em Decat (1999) discuto exemplos em que ocorrem orações adjetivas restritivas e também orações complementares. E já aponto, ali, para uma explicação possível com base na ênfase.

mentos frásicos ou parte de elementos frásicos; o critério por eles postulado para que elas sejam assim consideradas é “o de terem capacidade para serem transformadas numa frase autônoma, o de não se referirem a uma palavra, mas a uma frase total” (p.397). E continuam a argumentação mostrando que a independência dessas orações subordinadas, ao se referirem ao conteúdo de uma frase inteira, faz com que elas sejam, muitas vezes, como uma “combinação quase-coordenativa” (p. 397). São, portanto, estruturas cuja referência é exofórica, nos termos de Halliday & Hasan (1976), uma vez que a referência é feita a um elemento da própria situação comunicativa, e não da frase em si. E isso nos faz lembrar também Marcuschi, quando aborda a questão da anáfora sem antecedente explícito, mas que está no contexto situacional ou no conhecimento partilhado pelos usuários da língua.

Mas é Bechara (1999) que vai admitir, ainda que não diretamente, o que está ocorrendo no português atual, principalmente o do Brasil: por ser a oração explicativa um “mero apêndice”, a sua independência sintática em relação à outra oração (ou a um contexto lingüístico anterior qualquer) acaba sendo indicada por uma pausa maior, que ele admite ser ponto-e-vírgula ou “ponto”. Assim construída, ele classifica tal estrutura como “um advérbio de oração para avivar ao ouvinte o pensamento anterior” (p. 499). Em outras palavras, trata-se da situação de ênfase ou de foco, de realce, referida anteriormente para a caracterização e identificação das orações relativas apositivas. Por esse motivo é que não vejo como sustentar a análise de Mira Mateus *et al.* (1983) e a de Neves (2000), que consideram como oração adjetiva restritiva a que se segue a um SN aposto. A meu ver, toda a estrutura constitui o aposto; sendo assim, toda ela é a oração adjetiva explicativa. A explicação suplementar começa exatamente no SN aposto, cuja presença indica a necessidade de maiores detalhes sobre o que foi dito antes. E é Perini (1995) que aponta para o fato de que os nomes dados às orações relativas são “inspirados em suas propriedades semânticas”; no caso da oração relativa explicativa, a propriedade semântica é de ser um aposto,<sup>5</sup> podendo atingir a autonomia de que falam Vilela & Koch (2001); ou, ainda, nos termos já apontados em Decat (1999), são estruturas que, se ainda não se desligaram totalmente da oração anterior, estão passando por um processo de mudança “rumo ao desgarramento” sintático, mantendo, entretanto, um vínculo semântico com a oração anterior. E é esse mesmo processo de mudança que vem acontecendo, como também já mostrado em Decat (1999), com as orações adverbiais, que não serão discutidas aqui por não ser esse o objetivo do presente trabalho. No entanto, é bom ressaltar essa identidade de comportamento entre as orações relativas explicativas/apositivas e as orações adverbiais (nem todas, entretanto), que constituem

---

<sup>5</sup> Para maiores detalhes, consulte-se o trabalho de Aquino (2001), em dissertação elaborada sob minha orientação.

casos de informações suplementares, parentéticas, funcionando como “adendo” e, por isso mesmo, constituindo unidades informacionais à parte. Essa semelhança de comportamento é corroborada por Vilela & Koch (2001), ao mostrarem que as “frases relativas continuativas” acabam, muitas vezes, por se transformarem em frases temporais, causais, etc., pelo fato de que as relações semânticas veiculadas por ambos os tipos são análogas às relações entre estados de coisas, como acontece muito com as relativas apositivas.<sup>6</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas outras estruturas já desgarradas ocorreram no *corpus*, como as que são indicadas nos exemplos abaixo, com a caracterização formal incluindo **onde**, **cujo**, e N + ESP + QUE, ou até mesmo com a presença de algum tipo de conector antes do pronome relativo. No entanto, tais ocorrências não foram objeto de maiores discussões neste trabalho por terem apresentado uma taxa de ocorrência baixa no *corpus* como um todo. Nem por isso fica invalidada a proposta aqui discutida. O fato mesmo de elas ocorrerem, ainda que de modo esparso – talvez em decorrência do gênero textual ou do maior ou menor grau de formalidade a que o próprio gênero conduz na produção de um texto – é que justifica que se leve adiante uma pesquisa nesse tema. Importante é atentar para mais esse fato que pode estar significando uma mudança em curso. E, como foi apontado acima, a ocorrência de uma oração apositiva que não mais se encaixe sintaticamente à oração anterior, mesmo modificando um SN que imediatamente a anteceda, pode ser evidência de um processo de gramaticalização desse desgarramento. Constituindo unidades informacionais à parte, as orações adjetivas explicativas/apositivas podem estar se assemelhando às relativas sem cabeça, por seu aspecto semântico de referência a um todo, a um SN complexo.

Outros fatores terão de ser considerados, numa análise futura, bem como a extensão do *corpus* para abrigar outros gêneros textuais. O objetivo da discussão aqui empreendida foi somente o de suscitar a questão para discussões futuras.

<sup>6</sup> A esse propósito, lembro, aqui, a análise de Rosa (2000), em que o exame de textos produzidos por atividades de retextualização mostrou a ocorrência desse tipo de transformação não só de advérbios em relativas apositivas como também o caminho inverso, quando a oração relativa apositiva veicula uma relação, por exemplo, temporal, como já foi mostrado também em Decat (1993) a propósito de orações relativas encabeçadas por nomes que carregam idéia de tempo e de lugar.

## ABSTRACT

This study raises some questions about the overt form that non-restrictive relative clauses (appositives) present in contemporary written Brazilian Portuguese (PB) and European Portuguese (PE). The data are from newspapers and popular magazines, and analysis of this material reveals the 'independent' detached nature of such subordinate clauses, a fact which indicates a process of change in progress with respect to the syntactic behavior of these constructions within the linguistic system of the two dialects examined.

### Referências bibliográficas

- AQUINO, Lucília Castanheira de. *A cláusula apositiva: estrutura articuladora do discurso*. Belo Horizonte, PUC Minas, 2001. (Dissertação. Mestrado em Língua Portuguesa).
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Os mostrativos no português falado. In: CASTILHO, A. T. de (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas/São Paulo: Editora da Unicamp/Fapesp, 1993. v. 3: As abordagens, p. 119-147.
- CHAFE, Wallace L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: CHAFE, W. L. (Ed.). *The pear stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex, 1980.
- DECAT, Maria Beatriz Nascimento. *Leite com manga, morre!*: da hipotaxe adverbial no português em uso. São Paulo, PUC, 1993. (Tese. Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas), 287p.
- DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de "unidade informacional". *Scripta (Linguística e Filologia)*, v. 2, n. 4, Belo Horizonte: PUC Minas, 1º sem. 1999, p. 23-38.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.
- MARCUSCHI, Luiz A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MIRA MATEUS, M. H. *et al. Gramática da língua portuguesa: elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual*. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.
- ROSA, Célia. *Do oral ao escrito: trajetória de uma retextualização coletiva*. Belo Horizonte, PUC Minas, 2000. (Dissertação. Mestrado em Língua Portuguesa).
- VILELA, Mário; KOCH, Ingedore Villaça. *Gramática da língua portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso*. Coimbra: Almedina, março de 2001.